

A FIGURA MÍTICA DO MENTOR NAS HISTÓRIAS DE VIDA NARRADAS PELO JORNALISMO E INFOTENIMENTO SOB A PERSPECTIVA DA JORNADA DO HERÓI

Laura Bertoti Costa¹
Elton Luiz Gonçalves²

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar os mentores nas histórias de vida narradas pelo jornalismo. Para atingir tal objetivo, foi escolhida reportagem do programa televisivo "A Hora do Faro", comandado pelo apresentador Rodrigo Faro, cujo vídeo é intitulado "Rodrigo Faro interrompe 'entrevista' de Felipe Araújo e surpreende cantor". Para tanto, recorreu-se à Teoria da Jornada do Herói, estruturada por Campbell, a qual tornou possível concretizar a análise a partir das definições e aspectos definidos pelo autor e identificados no vídeo analisado. Dentro da análise, com o auxílio dos demais autores citados, fez-se possível a identificação de três mentores do cantor Felipe Araújo no decorrer da reportagem.

Palavras-chave: Jornalismo. Histórias de Vida. Narrativa Mítica. Mentor. Herói.

1 INTRODUÇÃO

A narrativa mítica manifestada no jornalismo, conforme antecipa Martinez (2008), busca resgatar uma humanização perdida nos textos jornalísticos. Trata-se do uso do método de Campbell (2007), o qual possibilita mapear e coletar maiores informações sobre o herói, que, em nossa particularidade, é a personagem de uma reportagem. Importa ressaltar que o entendimento sobre o que é a narrativa mítica sofreu alterações com o passar dos anos devido às mudanças das civilizações, haja vista os mitos terem deixado o patamar de deuses inatingíveis, aproximando-se, então, dos mortais. O herói, aqui, é entendido como uma pessoa que, por determinado motivo, é escolhida para protagonizar uma história de vida.

A produção de conteúdo jornalístico com a ferramenta/método de escrita narrativa de vida faz com que seja possível reconstruir, entender e analisar a trajetória de determinado ambiente ou grupo social, conforme aponta Souza (2009). As narrativas de vida oferecem a possibilidade de transitar entre o passado e o presente, em uma história formada pela sucessão de cenas e mais cenas, quando tudo está encadeado.

¹ Graduanda em Jornalismo pela Faculdade Satc. E-mail: laurabertott@gmail.com

² Professor, Me. do Curso de Jornalismo da Faculdade Satc. E-mail: elton.goncalves@satc.edu.br

Campbell (2007), em seus estudos, retrata 17 estágios para a estruturação da narrativa do herói. Dentre esses, no terceiro estágio, a figura do mentor se manifesta, e é nesse ponto que a presente pesquisa está ancorada. O mentor, de modo geral, é o responsável por incentivar o herói a seguir sua jornada, sendo seu protetor, transmitindo-lhe segurança e confiança para vencer os obstáculos futuros. Por conseguinte, é a figura do mentor o objeto da presente pesquisa.

Observou-se, em estudos preliminares, que a figura do mentor pode se manifestar de modo particular em determinadas narrativas. Assim, diante da estruturação da narrativa mítica do herói por Campbell (2007) e seu uso como método jornalístico para narrativas de vida, o presente trabalho lança a seguinte pergunta-problema: quais as particularidades da figura mítica do mentor na narrativa jornalística da história de vida do cantor Felipe Araújo?

Para chegar à resposta para a pergunta supracitada, a pesquisa traça como objetivo geral demonstrar as singularidades que constituem as estruturas narrativas jornalísticas para histórias de vida, a fim de compreender a representação simbólica (mítica) do mentor na relação/função de preparar o herói para o desconhecido, tendo como base a história de vida do cantor Felipe Araújo.

Para alcançar tal objetivo proposto, os objetivos específicos vêm no sentido de singularizar os passos da pesquisa, bem como: a) generalizar procedimentos da narrativa jornalística sob a perspectiva da Jornada do Herói; b) estudar as características da figura simbólica do mentor como elemento narrativo guia na Jornada do Herói; e, c) contrastar as peculiaridades das figuras simbólicas dos mentores na narrativa jornalística da história de vida do cantor Felipe Araújo.

Como justificativa, no âmbito acadêmico e mercadológico, esta pesquisa pretende colaborar para dialogar com as qualificações que dão conta da atuação do jornalista em contar histórias reais de vida. Já que, na prática da elaboração/redação, sabe-se que é preciso, tanto quanto talento, um conjunto de habilidades para tal função, como prática e leitura para alcançar vocabulário de qualidade. Justifica-se a jornada do herói como ferramenta/método que o jornalista pode utilizar para narrar histórias de vida no sentido de que essa estrutura pode constituir um laço mais afetivo entre a informação e o leitor. Aduz-se, portanto, a extrema importância de o jornalista correlacionar e aprender técnicas de construção

de boas histórias, sendo a jornada do herói uma técnica já introduzida nas etapas que envolvem o processo de criação e produção de conteúdo jornalístico.

Como objeto de análise da pesquisa, foi delimitado o vídeo de infotenimento exibido no programa “A hora do Faro”, da emissora Record, exibido no dia 25 de outubro de 2015, denominado como “Rodrigo Faro interrompe ‘entrevista’ de Felipe Araújo e surpreende o cantor”. O infotenimento é junção de conteúdos informativos e de entretenimento. Para tal desenvolvimento, a metodologia adotada é a teoria da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que se estabelece seguindo três pontos basilares: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esse tópico, então, será revisado fundamentalmente na seção 4 deste artigo.

Ainda, com relação aos procedimentos metodológicos, do ponto de vista da sua natureza, a pesquisa é de natureza básica. A abordagem do problema é qualitativa, pois considera a relação entre o mundo real e o sujeito. De seus objetivos, a pesquisa consiste em explicativa, pois visa a identificar os fatores que contribuem para a ocorrência de fenômenos particulares. Dos procedimentos técnicos, a pesquisa é ainda bibliográfica, para além da Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

2. A NARRATIVA DE HISTÓRIAS DE VIDA NO JORNALISMO

Martinez (2008, p. 76) descreve que “a história de vida, enquanto uma técnica de pesquisa qualitativa tem sido empregada quando se busca a compreensão com profundidade e particularidade do comportamento de indivíduos e grupos sociais”. Por consequência, quando se busca enriquecer textos jornalísticos em reportagens, narrar as histórias de vida é uma das técnicas que podem ser empregadas.

O jornalismo é feito para as pessoas, dependendo delas para ter vida própria. A relação entre o jornalismo e pessoas é necessária, afirma Assis (2012). Segundo o autor, não existe jornalismo sem pessoas, sem falas, sem percepções e histórias. Narrar histórias de vida, tanto de anônimos quanto de famosos, ganha espaço na imprensa. Isso acontece porque o público se identifica com tais histórias, fazendo com que o leitor se encontre em muitas das situações que são

apresentadas a ele. São as histórias de vida narradas através do jornalismo que expõem experiências que merecem ser compartilhadas, personificam os mais diversos assuntos e chamam atenção pela experiência da história que foi revelada.

Assis (2012) ainda classifica as Narrativas de Vida como um gênero híbrido, que está situado na fronteira entre a história e a literatura. O jornalismo e a literatura possuem diversas ligações e relações. Nesse sentido, Santos (2009) destaca que existe um flerte entre ambos os gêneros. Os dois buscam a humanização, a riqueza de informações e detalhes a serem narrados nas histórias contadas.

Martinez (2008) explica que o Jornalismo Literário é uma corrente que busca por mais recursos para retratar a realidade de forma fiel. A presença da humanização em textos jornalísticos é um fator encontrado com facilidade, já que essa vertente do jornalismo prefere enriquecer seus textos com detalhes hierarquizados em matérias jornalísticas produzidas no dia a dia àqueles modelos de textos maçantes e sem espaço e tempo para a criatividade. Essa humanização também é encontrada nas narrativas de vidas no jornalismo, sendo que esses três gêneros – história, literatura e jornalismo – mesclam-se ao retratarem as histórias que são contadas através deles.

Assim, Martinez (2008) avalia a ausência de humanização nas reportagens exibidas atualmente. A autora defende a ideia de que é necessário implantar nos produtos jornalísticos maiores informações, não se limitando ao padrão pelo qual só se buscam respostas rápidas e pré-estabelecidas.

Os modelos de textos jornalísticos são, de uma forma geral, marcados por um padrão pré-estabelecido e superficial, seja em termo de critérios, estilo ou construção. A pressa para se produzir notícia resulta em textos que não atraem o leitor interessado em narrativas aprofundadas e ricas em detalhes. Por isso, reportagens de fôlego têm pouco espaço nos meios de comunicação, assim como relatos de experiência de vida perderam a relevância em um jornalismo cada vez mais pautado por regras comerciais (SOUZA, 2009, p. 3).

Destaca, ainda, Martinez (2008) a existência de uma ligação entre o Jornalismo Literário e a Jornada do Herói, estrutura cunhada por Campbell (2007). Assim, a autora sugere que o emprego dessa estrutura oferece um aprofundamento das histórias de vida, facilitando o mapeamento das informações, enriquecendo os

textos com dados, fornecendo um melhor produto aos leitores e, conseqüentemente, atingindo um público maior.

3. A ESTRUTURA NARRATIVA DA JORNADA DO HERÓI E SUA APLICAÇÃO NO JORNALISMO

O estudo da mitologia é uma forma de autoconhecimento para a atual civilização. Feijó (2017) explica que as narrativas mitológicas podem ser usadas para questionamentos sociais e existenciais sobre a vida do homem. Através dos mitos é possível que os seres humanos possam projetar seus sonhos, medos e fantasias. Dessa maneira, Joseph Campbell (2007) afirma que todas as narrativas precisam passar por um roteiro. Então, o autor estruturou a Jornada do Herói como forma de estudo. É na Jornada do Herói que ele explana o caminho que ajuda a pessoa a interpretar e compreender suas vivências, mudar de padrões de comportamentos consciente e inconscientemente. Nesse sentido, Martinez (2008, p. 53) afirma que “o percurso da aventura mitológica do herói reproduz os rituais de passagem, comuns nas sociedades primitivas, nas quais ocorre o padrão separação-iniciação-retorno”.

Assim, Campbell (2017) define o herói como alguém protagonista de uma história que cobriu ou que realizou feitos históricos, além do nível normal de realizações ou experiências. Para tanto, Campbell (2007) desenvolve dezessete etapas para a estruturação do herói: o chamado da aventura; a recusa do chamado; o auxílio sobrenatural; a passagem pelo primeiro limiar; o ventre da baleia; o caminho de provas; o encontro com a deusa; a mulher como tentação; a sintonia com o pai; a apoteose; a benção última; a recusa do retorno; a fuga mágica; o resgate com auxílio externo; a passagem pelo limiar do retorno; senhor dos dois mundos; e, liberdade para viver.

Campbell (2007) denomina o primeiro estágio de “O chamado da aventura”, sendo nesse primeiro momento da jornada que, segundo ele, o herói é convocado pelo destino para conhecer uma região até então desconhecida.

O segundo estágio é denominado “A recusa do chamado”, momento em que pode haver uma negação por parte do herói para iniciar a jornada. O terceiro estágio apresentado é “O auxílio sobrenatural”, sendo, para aqueles que não

recusaram ao chamado, o primeiro contato com a jornada do herói, através de uma figura considerada protetora, identificada pelo autor como mentor, o qual irá ajudar o aventureiro, por meio de amuletos, a enfrentar tudo o que ele estará prestes a enfrentar.

“A passagem pelo primeiro limiar” é o quarto estágio da jornada, sendo a partir dele que o herói começa a viver sua nova vida. No quinto estágio, intitulado de “O ventre da baleia”, o herói precisa ir além dos limites do mundo visível para nascer de novo.

“O caminho de provas” é descrito como o sexto estágio da jornada e é considerada a fase favorita do mito-aventura. É nesse ponto da aventura que o herói precisa usar os amuletos e conselhos recebidos anteriormente. O “Encontro com a deusa”, como é denominado por Campbell, é considerado o teste final do talento de que o herói é dotado para a obtenção da benção do amor. Já o oitavo estágio da jornada, para o autor, é apresentado como “A mulher como tentação”, e é definido por ele da seguinte maneira:

Assim sendo, o mito é formulado nos mais amplos termos. Cabe ao indivíduo, tão-somente, descobrir sua própria posição com referência a essa fórmula humana geral e então deixar que ela o ajude a ultrapassar as barreiras que lhe restringem os movimentos. Quem são e onde se encontram os ogros? São reflexos dos enigmas não resolvidos de sua própria humanidade. O que são seus ideais? São sintomas do modo como ele percebe a vida (CAMPBELL, 2007, p. 121).

Campbell (2007) trata “A sintonia com o pai” como o nono estágio da jornada. Essa figura representa, para o herói, a autoridade patriarcal. “A apoteose”, por sua vez, é a fase em que se inicia a divindade, um estado de conhecimento divino, haja vista o herói necessitar de um período de paz antes do retorno.

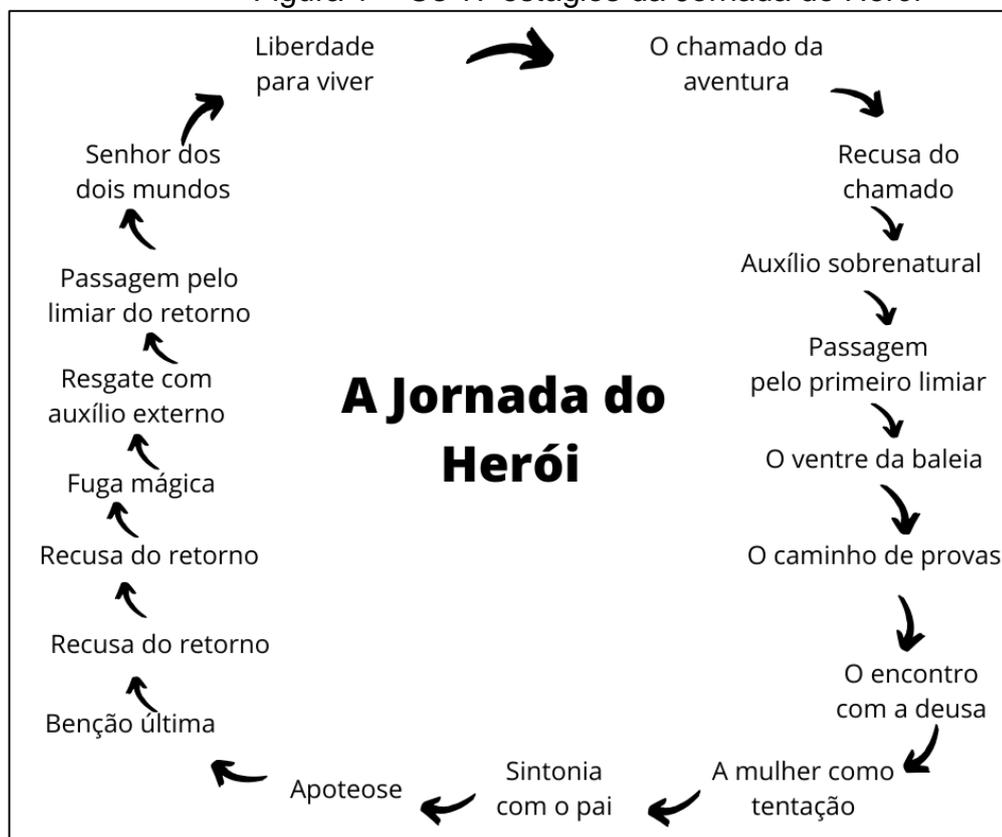
Após passar por todos esses estágios supramencionados da jornada, inicia-se uma nova fase, intitulada como “A benção última”. Ao aqui chegar, o herói já está preparado para tal momento. Iniciando a terceira parte da jornada, o próximo estágio é “A recusa do retorno”. Após ter concluído as duas partes anteriores da jornada, é nesse momento em que o herói precisa trazer os símbolos da sabedoria de volta ao reino humano. Inicia-se, posteriormente, o décimo terceiro estágio, denominado “A fuga mágica”, fase essa que oferece ao herói o risco de falhar.

No décimo quarto estágio, “O resgate como auxílio externo”, conforme explica Campbell (2007), “o herói pode ser resgatado de sua aventura sobrenatural por meio da assistência externa. Isto é, o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo”. Em “A passagem pelo limiar do retorno”, os dois mundos conhecidos pelo herói, divino e humano, são distintos entre si. Após a jornada, o seu retorno é descrito como uma volta do além.

Normalmente, os mitos mostram em uma única imagem todo o mistério do livre trânsito. Quando o apresentam, tal momento deve ser tratado como um símbolo precioso, sendo tal fase nomeada por Campbell como o “Senhor de dois mundos”. Esses dois mundos são divididos pela liberdade de ir e vir, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo casual.

Chegando ao final da jornada, o último estágio é “Liberdade para viver”. Depois de ter enfrentado todos os obstáculos da jornada, é aqui que o herói nasce outra vez e estabelece o seu eu. A figura 1, abaixo, ilustra esquematicamente a Jornada do Herói identificada por Campbell (2007):

Figura 1 – Os 17 estágios da Jornada do Herói



Fonte: Costa (2019).

Percebe-se, então, que a Jornada do Herói descrita por Campbell (2007) possui, conforme colocado, grande potencial para a construção das narrativas de vida no jornalismo. Para Martinez (2008), o uso do método na construção de textos jornalísticos abre espaços que contribuem para o resgate da humanização e aprofundamento das coberturas jornalísticas, fato esse perdido com o esgotamento dos modelos tradicionais.

Ainda, Martinez (2008) enfatiza que a estrutura narrativa mítica na área da comunicação não implica o afastamento do pensamento lógico ou científico, entretanto, é somado à contribuição das artes, da religião e da filosofia, além de agregar sensações, sentimentos e intuições aos relatos produzidos.

Conforme explica a autora, o método facilita o mapeamento das informações para transcrever de melhor maneira as histórias de vida, possibilitando, assim, uma forma mais eficaz de compreensão, interpretação e transmissão da realidade. Para além de facilitar a coleta de informações, visa evitar que pontos importantes vividos pelo entrevistado sejam deixados de ser mencionados. Para ela, “a Jornada do Herói é uma ferramenta valiosa para os comunicadores sociais, pois permite perceber a realidade complexa das histórias de vida humanas, formada por uma combinação de alguns fatos e muitos mistérios” (MARTINEZ, 2008, p. 12).

Convém ressaltar que, para Martinez (2004), o uso da estrutura mítica na construção de histórias de vida no jornalismo permite a humanização desses relatos. Para a autora, o leitor conseguirá, com maior facilidade, relacionar a sua trajetória pessoal com a história que está sendo contada, sendo-lhe possibilitado tirar ensinamentos da narrativa, os quais serão utilizados durante sua existência.

Neste contexto, a Jornada do Herói facilita a compreensão dos estágios da vida, desde a infância até a vida adulta. Nas narrativas de vida, uma das maiores críticas da autora, em relação aos velhos métodos de entrevistas, é o fato de alguns desses pontos serem perdidos e não descritos em muitas das reportagens. Segundo a autora, a Jornada do Herói permite narrar além de histórias de estrelas, políticos ou socialites. É possível narrar também histórias de pessoas comuns, dar voz aos anônimos. Nessa perspectiva, Martinez (2008, p. 36) afirma que:

A pobreza dos seres humanos retratados na mídia é gritante: a caracterização dos entrevistados resume-se em geral a nomes, idades,

categorias profissionais. São pessoas ouvidas às pressas para reclamar de algo ou dar sua opinião sobre um determinado assunto.

E, conforme apresentado por Campbell na Jornada do Herói (2017), o mentor é um importante personagem que se manifesta na história do herói. É a figura que ajuda e vai influenciar o herói a seguir seu caminho. Dessa forma, reforça-se a proposta da presente pesquisa em analisar a caracterização simbólica do mentor, ou mentores, no vídeo objeto de estudo.

3.1 A FIGURA DO MENTOR COMO ELEMENTO NARRATIVO GUIA NA JORNADA DO HERÓI

Durante a Jornada do Herói, Campbell (2017) destaca a importância que o mentor desenvolve durante a trajetória percorrida pelo herói. O autor descreve o mentor como uma figura mestra, que incentiva e guia o herói, preparando-o para a jornada. É o mentor que passa ensinamentos, segurança e conselhos que podem ser importantes para atingir sua meta.

Essa figura trata-se, portanto, de um arquétipo. Para entender o significado do arquétipo é preciso compreender que os arquétipos se expressam por imagens simbólicas coletivas. O símbolo é a maneira em que o arquétipo se manifesta e se apresenta na sociedade. Pitta (2005) afirma que só através do símbolo é possível estabelecer uma ligação entre o eu e o mundo.

Assim, o arquétipo possui certa universalidade, as características manifestadas em cada um são aprimoradas nos outros. Já os símbolos, por sua vez, são mais flexíveis, podendo vir a sofrer alterações e transformações. Turchi (2003, p. 28) afirma que “os arquétipos, ao se realizarem, ligam-se a imagens diferenciadas pelas culturas, dando origem à manifestação dos símbolos propriamente ditos que podem apresentar vários sentidos”.

Além de Campbell (2007), Feijó (2017) também destaca a figura do mentor, o qual é um dos principais arquétipos que constituem a jornada. Segundo a autora, esse arquétipo apresenta uma importante função, possuindo adaptações ou necessidades específicas em todas as histórias ou gêneros. O mentor possui, ainda, uma função psicológica, representando determinada parte da personalidade do herói.

O arquétipo do mentor, de acordo com Feijó (2017), é encontrado nos personagens que ensinam e protegem o herói, normalmente identificado como uma figura paterna ou alguém do ciclo familiar. Ademais, o autor refere que “as figuras dos mentores, seja nos sonhos, nos contos de fada, nos mitos ou nos roteiros, representam as mais elevadas aspirações dos heróis, são aquilo que herói pode transformar-se” (VLOGGER, 2006, p. 62).

Considerando o importante papel que o mentor desenvolve na Jornada, tal pesquisa busca identificar, no vídeo de infotenimento exibido no programa “A hora do Faro”, da emissora Record, exibido no dia 25 de outubro de 2015, denominado como “Rodrigo Faro interrompe ‘entrevista’ de Felipe Araújo e surpreende o cantor”, a caracterização simbólica dos mentores de Felipe Araújo, analisando, de acordo com a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011), como essas figuras se manifestaram empreendendo ensinamentos e percebendo suas funções no início da carreira do cantor. Ainda, é evidente que, desde o início da presente pesquisa, é possível observar a presença de mais de um mentor nesta narrativa de vida característica e particular.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO - AS PECULIARIDADES DAS FIGURAS SIMBÓLICAS DOS MENTORES NA NARRATIVA JORNALÍSTICA DA HISTÓRIA DE VIDA DO CANTOR FELIPE ARAÚJO

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho, recorreu-se à análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Essa metodologia, segundo a autora, já era usada desde as primeiras tentativas de interpretação de textos pela humanidade. Bardin (2011) define, então, a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 182).

Bardin (2011) enaltece que a análise possui como finalidade analisar os conteúdos para entender e compreender as características e estruturas que estão nessas mensagens. A autora salienta que essa técnica metodológica pode ser

aplicada em qualquer discurso e em todas as formas de comunicação, independentemente de sua natureza. Para tanto, Bardin (2011) dividiu a análise de conteúdo em três partes fundamentais para a compreensão, sendo elas: a **pré-análise**, a **exploração do material** e o **tratamento dos resultados - inferência e interpretação**.

A primeira fase é a **pré-análise**, definida pela etapa de organização. Nesse momento, estabelece-se um esquema de trabalho com métodos precisos, porém flexíveis. O primeiro contato com os documentos a serem analisados ocorre nesse momento, o qual Bardin (2011) identifica como leitura flutuante. Em caso de entrevistas, as mesmas precisam ser transcritas para compor o corpo da pesquisa. Para isso é preciso obedecer a algumas regras:

[...] regras de *exaustividade* (deve-se esgotar a totalidade de comunicação, não omitir nada); *representatividade* (a amostra deve representar o universo); *homogeneidade* (os dados devem se referir-se ao tema, serem obtidos por técnicas iguais e colhidos por indivíduos semelhantes); *pertinência* (um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria (CÂMARA, 2013, p. 183).

A preparação do material iniciar-se-á pela “edição” das entrevistas. Com as informações já transcritas dá-se início à leitura flutuante. Posteriormente, determinam-se os índices ou categoriais.

Para iniciar a segunda fase, conhecida como **exploração do material**, é preciso escolher as unidades de codificação, entender alguns procedimentos. O primeiro é a codificação, seguido pela classificação e categorização. Com a unidade de codificação definida, deve-se classificá-la em blocos que expressem determinadas categorias, os quais podem confirmar ou não as hipóteses referenciadas na fundamentação teórica proposta. As categorias, segundo Bardin (2011), devem possuir qualidades como a *exclusão mútua*, onde cada elemento deve existir em uma categoria; *homogeneidade*, pois é preciso haver somente um nível de análise; *pertinência*, já que as categorias precisam dizer respeito à pesquisa já feita; *objetividade e fidelidade*, haja vista a necessidade de as categorias estarem bem definidas para não haver distorções; e, *produtividade*, já que com os resultados obtidos e concluídos as categorias serão produtivas.

A terceira e última fase é o **tratamento dos resultados - inferência e interpretação**, na qual, após a análise dos resultados brutos, esses são tornados

significativos e válidos. A *inferência* é um instrumento que auxilia a investigação das causas e efeitos que surgiram após as etapas anteriores. Logo, inicia-se a *interpretação* dos conceitos e proposições, e, a partir deles se constrói uma imagem significativa da pesquisa. Ao finalizar a análise, a *proposição* é baseada nos dados, devendo ser verdadeira ou errada, independentemente do pesquisador conseguir ou não ter condições de demonstrá-la.

4.1 A PRÉ-ANÁLISE

Em busca de responder à pergunta problema desenvolvida no início desta pesquisa, qual seja, “quais as particularidades da figura mítica do mentor na narrativa jornalística da história de vida do cantor Felipe Araújo?”, em um primeiro momento, foi realizada a leitura flutuante conforme indicado por Bardin (2011), bem como a decupagem da entrevista do vídeo "Rodrigo Faro interrompe 'entrevista' de Felipe Araújo e surpreende cantor", como objeto de análise.

A Hora do Faro é um programa de auditório que vai ao ar nos domingos à tarde, comandado pelo apresentador Rodrigo Faro, seguindo a linha do infotimento, já que possui características de informação e entretenimento. Para Dejavite (2006, p. 62, *apud* Limondre, Braz, Soriano, 2011), o infotimento é definido como “conteúdo editorial que fornece informação e diversão ao leitor e, ao mesmo tempo, constitui uma prestação de serviço”.

Após tomar conhecimento do programa no qual a entrevista foi ao ar, iniciou-se o processo de conhecer profundamente o material a ser analisado. Ao assistir pela primeira vez, observou-se uma particularidade na representação simbólica do mentor na entrevista. Isso se dá, retomando Campbell (2007), porque o significado do mentor é definido como uma figura mestra, que incentiva e guia o herói, preparando-o para a jornada. É o mentor que passa ensinamentos, segurança e conselhos que podem ser importantes atingir sua meta.

Dada essa percepção inicial, o material em análise foi assistido e observado mais duas vezes, e então, após esse momento, iniciou-se a decupagem do material. Justamente com esse contato mais profundo com a entrevista é que se pode observar com maior atenção os pontos relevantes nos diálogos entre o apresentador Rodrigo Faro, o cantor Felipe Araújo, o empresário Rafael Vanucci e o

pai de Felipe, João Araújo. Nesse ponto, considerou-se efetivamente a possibilidade de existir a representação simbólica de mais de um mentor no caso em tela.

Sendo assim, a partir dessas informações, levantou-se o questionamento das possíveis particularidades da figura mítica do mentor na narrativa jornalística na história de vida do cantor Felipe Araújo. Para responder a tal pergunta, faz-se necessário explorar complexa e detalhadamente o material analisado, o qual será realizado a seguir, na próxima etapa da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

4.2 A EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Para iniciar a exploração do material, procurou-se identificar os mentores que fazem parte da história de vida de Felipe Araújo, buscando-se dividir em categorias a presença de três possíveis mentores presentes na reportagem analisada, o apresentador Rodrigo Faro, o irmão Cristiano Araújo e o pai João Reis Araújo. A organização da identificação dos mentores foi realizada diacronicamente e em recortes, trechos da entrevista, conforme foram se manifestando no decorrer do material analisado. Ainda, importante ressaltar que se fará o uso de aspas e itálico, a seguir, no presente texto, a fim de demarcar devidamente os trechos destacados como citações diretas do objeto da pesquisa.

A primeira possível manifestação de um mentor ocorreu logo no início da reportagem, aos 40 segundos do vídeo, quando o apresentador Rodrigo Faro explica com clareza o que irá ser abordado na reportagem, enfatizando que o Brasil inteiro ouvirá a música de Felipe Araújo.

“Gente, você está entendendo? Você aí que está assistindo A Hora do Faro, você tem ideia aí do que vai acontecer daqui alguns minutos? Então aí, esse sonho, esse sonho vai se tornar realidade a partir de agora. O que nós vamos fazer, a gente está indo agora para o estúdio, a gente inventou para o Felipe que ele vai dar uma entrevista para o jornalismo da Record, que a gente está preparando o lançamento dele. Ninguém falou o meu nome, ninguém sabe de Rodrigo Faro, ele não sabe que eu estou aqui. E aí, a gente vai fazer o seguinte, eu vou chegar de surpresa, vou conversar com o Felipe, vou tentar entender como está a cabecinha dele neste momento, essa mistura de ansiedade, de tristeza, de dor, de alegria

também, por estar sendo lançado, tenho certeza que ele tinha esse sonho de se lançar como cantor. E aí, depois que a gente passar por toda essa emoção junto com o Brasil, eu vou chegar para o Felipe e dizer assim para ele: Fe, pode arrumar sua mala, você vai pegar um avião, você vai comigo para o palco da A Hora do Faro agora, porque o Brasil inteiro vai ouvir a tua música”(Trecho 01).

Quando o vídeo chega aos 6min06s, o apresentador faz o seguinte questionamento para Felipe Araújo: “o Cris é uma referência para você? Sempre foi uma referência?”. Nesse momento, surgem indícios de que há um possível segundo mentor na vida do cantor. Ademais, sua resposta destacando a importância que Cristiano Araújo teve no decorrer de sua vida engrandece a possibilidade de ser seu irmão um de seus mentores:

“Sempre foi, sempre foi. Desde... desde quando eu nasci ele foi uma referência, tanto em questão de música mesmo, foi meu mentor mesmo. Sempre foi a pessoa, de todas as pessoas que eu tenho a minha volta, ele sempre foi a pessoa que mais me motivou, que mais me incentivou a fazer isso, ele é uma referência não só como músico, mas também como irmão, né, irmão mais velho, aquele que ajudava o meu pai a me educar, cuidava de mim quando meu pai não podia” (Trecho 02).

Em um segundo momento, Felipe volta a falar sobre a proximidade que tinha com seu irmão e sobre o incentivo que recebeu para lançar sua carreira solo. Nesse momento, no diálogo entre o cantor e o apresentador, aos 7min04s, mais uma vez reforça-se a ideia de que o irmão, Cristiano Araújo, fora um dos seus mentores.

Rodrigo Faro: “Vocês cantavam juntos”? Felipe: “Toda hora, o tempo inteiro, cantava junto, compunha junto. Inclusive eu tenho um presente, um presente de Deus mesmo. Esse foi um presente, que foi a última vez que eu estive com meu irmão, foi lá na casa dele, os últimos dias que ele estava aqui eu estava morando com ele né, ele me chamou para ficar lá com ele. Rodrigo Faro: “Você estava morando com ele lá naquela casa né”? Felipe: “Estava, o último mês ele me chamou para ir para lá, porque ele queria me dar conselhos, queria me ajudar e tal.” Rodrigo Faro: “Já pensando no teu lançamento.” Felipe: “Já pensando, é.” Rodrigo Faro: “Que seria em janeiro.” (Trecho 03).

O terceiro mentor que se faz presente na história de vida de Felipe Araújo é seu pai, João Reis Araújo. Mesmo observando que o pai não aparece, com frequência, para interagir na reportagem, ele pode vir a ser considerado um mentor justamente pelo simbolismo de representar uma figura paterna. O próprio Felipe já havia destacado acima que seu irmão mais velho ajudava o pai na função de educar e cuidar dele, irmão mais novo. Nesse sentido, corrobora o entendimento de Campbell (2007) de que, na maioria dos casos nos quais se estuda a presença do mentor, ele se manifesta por meio de uma figura paterna ou por alguém dentro do laço familiar do herói.

Cada um deles possui qualidades de *exclusão mútua*, conforme Bardin (2011), pois se manifestam em diferentes momentos da vida de Felipe Araújo. A primeira categoria trata do mentor Rodrigo Faro, e, ele se difere dos demais por se manifestar ao incentivar e proporcionar ao cantor o lançamento de sua carreira em nível nacional.

Na segunda categoria está o mentor Cristiano Araújo, que, além de irmão de Felipe Araújo, foi quem incentivou o lançamento de sua carreira solo, apoiando e aconselhando o irmão mais novo. Quanto ao pai, sua representação de mentor fica subentendida na figura paterna que auxiliara Felipe Araújo desde seu nascimento, apresentando-lhe o mundo da música, incentivando e apoiando sua decisão de buscar escrever a própria história.

A *homogeneidade*, conforme destaca Bardin (2011), manifesta-se em virtude de a análise buscar somente identificar mentores na particularidade da história de vida do cantor Felipe Araújo, analisando sempre quando e como houve a menção dos mentores presentes e mencionados na reportagem em análise. Manteve-se a mesma linha de pesquisa desde a pergunta definida na introdução até o início da exploração do material, sempre deixando bem definido a busca por encontrar, durante a análise de conteúdo da entrevista selecionada, a representação simbólica do mentor na história de vida de Felipe Araújo; dessa maneira, demarca a *pertinência* (BARDIN, 2011) da pesquisa até aqui realizada.

A *objetividade e fidelidade*, conforme Bardin (201), apresentam-se quando se definem as três categorias a partir da percepção de três mentores identificados na reportagem. A partir de todos esses processos durante a análise é possível identificar a *qualidade de produtividade* (BARDIN, 2011), que, a partir deste

momento, com base em toda a estruturação dos processos anteriores, permite o tratamento dos resultados, próxima etapa para a conclusão da análise.

4.3 O TRATAMENTO DOS RESULTADOS - INFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO

A entrevista em análise retrata uma fase da história de vida do cantor Felipe Araújo, fator que colabora para o mapeamento das informações, possibilitando o enriquecimento dos textos e das histórias contadas pelo jornalismo. Para Martinez (2015, p. 76) “a história de vida, enquanto uma técnica de pesquisa qualitativa, tem sido empregada quando se busca a compreensão com profundidade e particularidade do comportamento de indivíduos e grupos sociais”.

Como o mentor é identificado dentro da Jornada do Herói apresentada por Campbell (2007) durante os 17 estágios já analisados, pode-se, então, afirmar que o seu método possui relevância para os estudos jornalísticos. Martinez (2008), por sua vez, enfatiza que a estrutura narrativa mítica na área da comunicação não implica o afastamento do pensamento lógico ou científico, entretanto, soma a contribuição das artes, da religião e da filosofia, além de agregar sensações, sentimentos e intuições aos relatos produzidos. Também, como em todas as áreas da comunicação, é importante reiterar que “as figuras dos mentores, seja nos sonhos, nos contos de fada, nos mitos ou nos roteiros, representam as mais elevadas aspirações dos heróis, são aquilo que o herói pode transformar-se” (VLOGGER, 2006, p. 62, *apud*. FEIJÓ, 2017).

Partindo dessas afirmações, bem como de trechos da entrevista objeto da pesquisa realizada, é seguro observar a presença dos três mentores apresentados anteriormente na etapa de análise de conteúdo, conforme estrutura Bardin (2011), bem como nas teorias apresentadas na fundamentação do presente estudo.

Assim, percebe-se que a primeira representação simbólica do mentor identificado na reportagem foi de Rodrigo Faro, cuja identificação se faz possível pelo **trecho 01**, destacado na exploração do material, por meio da fala do próprio apresentador. Nesse caso, o mentor deixa de ser alguém do laço familiar, contudo, se apresenta simbolicamente através desse modelo arquetipal. Nesse seguimento, Pitta (2005) aduz que o arquétipo possui certa universalidade, as características manifestadas em cada um são aproximadas a outros. Já os símbolos são mais

flexíveis, podendo vir a sofrer alterações e transformações. O que faz com que não se perca a essência do significado de mentor, mesmo que este mentor não seja, até então, do seu convívio familiar. As falas do apresentador tornam viável a manifestação desse primeiro mentor durante a reportagem com o cantor Felipe Araújo.

A fim de caracterizar a representação do segundo mentor, foram analisadas as falas de Felipe Araújo no decorrer dos **trechos 02 e 03**, destacados na exploração do material, mais especificamente no diálogo entre ele e o apresentador, no qual a figura do irmão, Cristiano Araújo, é destacada. O momento em que já se observa a manifestação do segundo mentor se dá quando o apresentador questiona Felipe Araújo sobre a referência que tem de seu irmão mais velho, recebendo a resposta afetiva característica da motivação e incentivo, para além dos laços familiares, sobretudo na música.

Para concretizar a presença desse segundo mentor, recorre-se a Campbell (2007), o qual apresenta o arquétipo do mentor como a figura que ajuda e vai influenciar o herói a seguir seu caminho. Observando tais aspectos, é possível encontrar as características citadas por Felipe Araújo na continuidade do diálogo com o apresentador no vídeo.

Levando em consideração os aspectos já mencionados e a construção da fundamentação teórica, Feijó (2017) refere que o mentor é encontrado nos personagens que ensinam e protegem o herói, normalmente sendo identificado como uma figura paterna ou alguém do ciclo familiar. Partindo de tal afirmação, faz-se possível caracterizar simbolicamente o terceiro mentor do cantor Felipe Araújo como sendo seu pai, João Reis Araújo, que, mesmo não tendo se manifestado de modo patente durante a entrevista, pode ser considerado o primeiro mentor do cantor, como caracterizado pelo próprio, no **trecho 02** destacado na exploração do material. Nesse cenário, Campbell (2007) reforça a presença do terceiro mentor ao destacar a importância desenvolvida pelo mentor durante a trajetória percorrida pelo herói, sendo uma figura mestra, que incentiva e guia o herói, preparando-o para a jornada. É o mentor que passa ensinamentos, segurança e conselhos que podem ser importantes para que o herói atinja sua meta. A figura 2 apresenta os três mentores identificados durante a análise.

Figura 2 - Esquema da ordem em que os mentores se manifestação na história de vida do cantor Felipe Araújo

Ordem no vídeo	Ordem cronológica
<ul style="list-style-type: none">• Primeiro mentor: Rodrigo Faro;• Segundo mentor: Cristiano Araújo;• Terceiro mentor: João Reis Araújo.	<ul style="list-style-type: none">• Primeiro mentor: João Reis Araújo;• Segundo mentor: Cristiano Araújo;• Terceiro mentor: Rodrigo Faro.

Fonte: Costa (2019).

Por meio da observação e análise dos aspectos referidos ao longo da presente pesquisa, faz-se possível a constatação de que, conforme Bardin (2011), a *proposição do estudo* é verdadeira haja vista identificar a representação simbólica de três diferentes mentores presentes na narrativa, os quais se completam neste fragmento da narrativa de vida do cantor Felipe Araújo, apresentada no vídeo de infotimento como objeto de análise.

Nesta perspectiva, existe uma particularidade nas figuras míticas do mentor na narrativa jornalística da história de vida do cantor Felipe Araújo, já que é retratada a troca de mentores, assim destacando três diferentes representações no decorrer da reportagem analisada. Entretanto, dada à singularidade representada nessa história de vida, não se pode afirmar que isso venha a acontecer em todas as análises das mais diversas histórias de vida que o jornalismo se propõe a contar. À vista disso, as características da representação simbólica do mentor na história, sobretudo, quanto à projeção ou destaque que esse divide com o herói ou com a personagem principal, torna-se uma questão específica a ser observada em análises futuras. Será, então, possível observar tal representação simbólica de mais de um mentor em todas as narrativas de histórias de vida?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA

Sabendo-se que o lançamento da carreira solo de Felipe Araújo se deu no programa "A Hora do Faro", a presente pesquisa foi motivada pelo entendimento de que Rodrigo Faro, no caso em tela, tornou-se alguém além de um simples apresentador, passando a fazer parte da história de vida de Felipe Araújo. Com isso, levantou-se a hipótese de a história de vida do cantor ser constituída por mais de um mentor, havendo, assim, uma particularidade em sua história.

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa, este trabalho foi organizado e resolvido da seguinte maneira: recorreu-se aos estudos realizados por Campbell (2007) para generalizar os procedimentos da narrativa jornalística sob a perspectiva da Jornada do Herói e estudar as características da figura simbólica do mentor como elemento narrativo guia na Jornada do Herói, a fim de, com isso, compreender o significado e o papel do mentor nas narrativas; e, à Martinez (2008), para a compreensão do emprego da narrativa no meio jornalístico. Por fim, a elaboração da fundamentação teórica foi utilizada com disposição de contrastar as peculiaridades das figuras simbólicas dos mentores na narrativa jornalística da história de vida do cantor Felipe Araújo.

Com o intuito de responder a pergunta problema “quais as particularidades da figura mítica do mentor na narrativa jornalística da história de vida do cantor Felipe Araújo?”, realizou-se a análise de conteúdo conforme procedimento metodológico de Bardin (2011), a qual possibilitou a demarcação de fatos importantes para a identificação dos três mentores na história de vida do cantor Felipe Araújo. Os estudos de Bardin auxiliaram na estruturação da análise, tendo tal metodologia proporcionado o mapeamento das informações.

Embora o início de uma pesquisa seja sempre um desafio, o aprendizado obtido durante sua produção a torna extremamente gratificante. Desde o momento em que se iniciou até o de finalização, foi possível observar como o jornalismo e a narrativa mítica trilham em um mesmo sentido. O emprego da narrativa mítica em materiais jornalísticos proporciona, ao que parece, um mapeamento adequado das informações, sendo esse um dos benefícios mencionados por Martinez (2008).

Para uma próxima pesquisa, propõe-se analisar se, no decorrer de novas narrativas, diferentes ou novos mentores poderão ser identificados na carreira do cantor Felipe Araújo. Também, para o futuro, poder-se-á analisar os dezessete

estágios da Jornada do Herói proposta por Campbell (2007) na história de vida do cantor.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco. **As histórias de vida e a configuração dos gêneros jornalísticos**: o caso da série “Gente de São José”. Comunicação & Informação, v. 15, n.1, p. 66-85, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22497/13384>>. Acesso em: 12 de ago. de 2019.

CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo**: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>>. Acesso em: 03 de set. de 2019.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo, Editora Pensamento, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 32. ed. São Paulo, Palas Athena Editora, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 1977.

FARO, Rodrigo. **Rodrigo Faro interrompe "entrevista" de Felipe Araújo e surpreende cantor**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZNMwgJ-2vLI&t=236s>>. Acesso em: 15 de mar. de 2019.

FEIJÓ, Valéria Casaroto. **Os arquétipos na construção de narrativas**: Análise da Triologia Batman, dirigida por Christopher Nolan na perspectiva arquetípica. Artigo Científico (Curso de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Design) Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica e histórias de vida no jornalismo. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/jornada_heroi.pdf> Acesso em: 14 de ago. de 2019.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói**: narrativa mítica e histórias de vida no jornalismo. São Paulo, ANNABLUME editora, 2008.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro, Atlântica Editora, 2005.

SANTOS, Marli dos. **Histórias de vida na grande reportagem:** um encontro entre o jornalismo e história oral. *Comunicação & Informação*, v. 12, n. 2: p.21-32 - Jul./dez. 2009.

SOUZA, Clara Guimarães Alves; SCHERMANN, Daniela Gonçalves; OLIVEIRA, João Marcos Veiga; AGUIAR, Livia Farnese Cordeiro; PENNA, João Carlos Firpe. **A construção de narrativas de vida no jornalismo literário.** Intercon, XVI Prêmio Expocom, 2009.

TEIXEIRA, Alexandre Henrique Carvalho. **Mitiáticos e coexistentes:** mídia, mito e mídiões. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista, Bauru.

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e antropologia do imaginário.** Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor:** estrutura mítica para escritores. 3. Ed. São Paulo, Editora Aleph, 2015.